

# A Literatura

Recebido em 05-04-2016

Aceito para publicação em 21-08-2016

Vanderlei Kroin<sup>1</sup>

Para que há de servir a literatura? Qual a função dela na escola, na universidade e, mais importante, no universo social? Perguntas difíceis de serem respondidas, principalmente nos dias atuais em que o literário está à mercê da indústria cultural. O fato de servir a essa famigerada indústria já mostra quão imprescindível a “arte da palavra” é para o homem. Ademais, a Literatura extrapola largamente essa condição, em muito utilitarista. Ela é a própria sombra do homem, acompanha-o dos mitos gregos à líquida modernidade, fazendo com que ele se reflita nela e encontre a sua realidade entre tantas realidades inventadas pelo escritor.

Essas questões iniciais, bem como outras acerca da literatura e da linguagem, em sua relação com o homem e com o mundo; a força e importância da literatura; o jogo que ela faz com a realidade: são assuntos de que tratam os textos *Aula* e *Literatura para quê?*, respectivamente, de Roland Barthes e Antoine Compagnon.

Antoine Compagnon, em seu texto *Literatura para quê?*, dialoga diretamente com o crítico francês Roland Barthes, cujo texto tem por título: *Aula*. Ambos os escritos foram resultantes de conferências proferidas no Colégio de França. Barthes inicia sua palestra no Colégio de França, em 1977, explanando sobre sua própria produção de intelectual, cujo propósito era inscrever-se na ciência literária, lexicológica ou sociológica, conseguindo, no entanto, apenas escrever ensaios e produções em que a análise rivaliza com a teoria. Barthes faz um discurso um tanto humilde, ao apontar a crise instaurada no ensino de letras e tratar do poder condicionante do discurso, observando se teria alguma forma do ensino dito mais livre

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Linguagem e Sociedade) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Campus de Cascavel/PR, Brasil. E-mail: [vanderleikroin@gmail.com](mailto:vanderleikroin@gmail.com)

trazer em si um discurso neutro, menos impositivo e verticalizado, o que, por sua vez, seria uma indagação salutar no desafio do ensino contemporâneo.

Compagnon ressalta a escassez da literatura na sociedade e na escola, a qual é corroída pelos livros didáticos e, desta maneira, causa aversão nos alunos. O fato de terem que fazer uma leitura impositiva, traz prejuízos sem precedentes, porque desconhecendo-a, o aluno não se apropria dos poderes que ela tem: o poder de deleitar e instruir, definido por Aristóteles; o poder de libertar o indivíduo do obscurantismo religioso e dos discursos de autoridade, bem como dos dogmas coercitivos, surgidos no Século das Luzes e que estiveram muito em voga no Romantismo; o poder de falar a todos, tomando a linguagem comum, corrigindo seus defeitos (ou acentuando-os) e tornando-a particular, em outras palavras, o poder de exprimir o contínuo e de sugerir a vida, conforme aponta Compagnon.

Essas considerações do crítico e professor belga em relação ao poder da literatura no ciclo do tempo demonstram a importância que ela teve, e ainda tem, na história humana. Apesar de o autor salientar que as concepções ou definições clássica e romântica de literatura não sejam mais correntes, sabemos que elas ainda produzem ecos na pós-modernidade. A literatura está em perigo, conforme alerta Tzvetan Todorov, mas ainda respira. Na escola, e mesmo na universidade, ouvimos falar da crítica e mesmo da crítica sobre a crítica, sem, no entanto, conhecermos a fundo a obra que deu origem a essas críticas. Metaforicamente falando, é justamente como o caso do médico que, graças à formação dogmática, que o insere em um círculo vicioso, mata o paciente, não por receitar um remédio fraco ou ruim, ou por receitar o mesmo remédio para doenças diferentes, mas por exagerar na prescrição da dosagem.

Jorge Luís Borges, certa vez, apontou que o homem moderno carece de épica e, de fato carece, pois chegou a um estágio de fragmentação que o desloca do mundo, o insere em um intermitente dualismo e o deixa sem perspectivas. O homem moderno está preso a um elástico. A sua individualidade é reprimida assim que esse elástico é esticado e o mesmo arremessa-o novamente ao presente perpétuo. Nessa mistura desenfreada de ânsia e de frustração, esse homem tornou-se esquizofrênico, conforme ressalta Frederic Jameson, daí a carência e a volta do olhar ao passado, em busca de reminiscências que o possam ajudar a ser feliz. A estabilidade da épica, a volta ao passado idílico seriam, então, um consolo, uma solução provisória para um contumaz estado melancólico.

Essa fragmentação, que também acontece no campo da linguagem, e que, segundo Jameson tem no pastiche um exemplo da tendência pós-moderna, aproxima a literatura dos outros discursos ordinários e faz com que o seu resultado seja visto como mais um produto utilitário da indústria cultural. Ainda assim, a fragmentação não foi capaz de deslocar a literatura de seu posto no palco teatral da história. Compagnon observa que as vanguardas teóricas não conseguiram ignorar a capacidade de a literatura exceder a língua e a filosofia, e cita Foucault, que, por sua vez, não põe a literatura no mesmo “pacote” de outros discursos, justamente por sua capacidade poética, que ilude e não se deixa prender totalmente pelos dispositivos de poder.

Sobre poder, também fala Barthes em sua conferência. O semiólogo francês esclarece que o poder é ao mesmo tempo plural e singular: “plural no espaço social” e “perpétuo no tempo histórico”, ou seja, algo que não se pode erradicar nunca, pois deslocado de um espaço, ele (o poder), reaparece em outro, de forma que nunca pode ser vencido. Essa tarefa, atribuída ao intelectual, ele a considera exaustiva porque, grosso modo, os poderes plurais constituem o homem em sua totalidade. As relações humanas sempre se dão num jogo de relações de poder em que há recíproca tentativa de subverter o outro, convertendo-o a desígnios que foram premeditadamente pensados. Há sempre uma antecipação à resposta esperada em relação a uma pergunta feita a outrem e, nisso há, subjetivamente, uma manipulação que, se não consegue, pelo menos tenta estabelecer um poder sobre o outro.

É por meio da linguagem que o homem expressa o poder nas esferas sociais. Assim, Barthes discorre sobre a legislação da língua, a qual está amparada no código, em um estatuto de leis estruturais que regem de forma subjacente o poder e que dão um formato à linguagem. Ele denomina essa lei como fascista, pois obriga o sujeito a dizer, a se manifestar sempre, extirpando neutralidades. Essas considerações revelam o entrelaçamento entre língua e poder, o qual não se pode burlar, a não ser por uma trapaça com as leis dessa língua, o que Barthes entende que seja, em essência, a Literatura.

Essa luta com as palavras que descortina o mundo, o trabalho e manipulação estética com a linguagem, que se constitui no próprio ato, como resultado final, o aflorar da língua em linguagem, que por sua vez se configura como texto, escritura, configura-se como Literatura. Barthes não está interessado na mensagem que a literatura constrói, do mundo ao homem e, reciprocamente. Essa mensagem, que nunca se deixa apreender facilmente, é o ensejo para a literatura ser lida e estudada. Compagnon ressalta que ela é um meio, talvez o único para o

humano compreender a si mesmo e aos outros; e a principal causa disso é a linguagem de que ela é feita.

A capacidade de a literatura expressar o real, por meio de uma linguagem cifrada, consistindo numa violência organizada contra a fala comum, conforme afirma Jakobson e, por extensão, por ela tratar do irreal nesse processo de deslocamento de signos, opõem a literatura à ciência. Neste choque de linguagens há sempre o rebaixamento de uma das áreas mencionadas, o que não deveria acontecer. O processo maquinal que opera na língua e faz ascender a escritura apenas varia em grau. No trabalho com a linguagem, o cientista é superficial, enquanto o escritor, de acordo com Foucault, é um arqueólogo, porque penetra nas camadas mais profundas da língua e, num trabalho árduo e teimoso traz, então, à luz o texto/escritura de maneira nada trivial porque consegue abalar os eixos sintagmáticos e paradigmáticos da língua, o que significa dizer, nas palavras de Barthes, que o escritor (de ficção) joga com os signos em vez de destruí-los.

Esse jogo com os signos, que suplanta os discursos filosóficos, sociológicos, psicológicos, conforme atesta Compagnon, é que desconcerta, desorienta e incomoda. É um poder libertador do convencionalismo impregnado em cada ser leitor que, incompleto, consegue se situar e entender a si mesmo e, a partir de então compreender melhor o mundo. Essa é a força inerente da literatura, que vai muito além de utilizar a linguagem. Apropriando-se dela, o escritor a desconstrói.

Esta desconstrução da linguagem, que também acontece na linguística, é o que Barthes denomina semiologia, ou uma linguagem sobre as linguagens, o que, por sua vez, não se confunde com metalinguagem, porque não fala simplesmente de si mesma, mas reflete sobre. É uma relação dialética porque não linear. Então, a semiologia de Barthes é, como ele mesmo assinala, negativa e ativa. É negativa porque o signo não tem uma fixidez absoluta; e ativa porque não é anacrônica, ou seja, o signo caminha não somente para contar a história, mas também para participar dela.

Essa participação foi, grande parte das vezes, coadjuvante. Em meio às querelas entre o texto e o contexto, entre a história e a obra, entre o autor e o leitor – parafraseando Compagnon – e, de forma mais prática, entre a arte pela arte e a arte como documento: o trabalho e deslocamento dos signos, o processo por meio do qual ele emerge, edificando-se em arte literária, nem sempre foi percebido. Talvez, seja o resultado de uma autodefesa inconsciente que causou um efeito não desejado e que Barthes percebeu.

A literatura não fala mentiras e verdades, mas fala de mentiras e de verdades construídas na história e se mantém viva porque também fala do homem. A linguagem literária liga o homem ao mundo. A consciência dessa relação se evidencia quando ele se dá conta do poder da linguagem e não a descreve simplesmente, mas reflete sobre ela. Ela é o *insight* que o faz refletir sobre si mesmo, se encontrar e se identificar na ficção e, a partir disso, abrir os horizontes do mundo, fazendo, como salienta Barthes, girar os saberes.

### Referências

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leila Perrone Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.